

ENTRE O CAOS E O ABSURDO: UMA TEORIA PARA VERGÍLIO FERREIRA

Álison Alves da HORA¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar os caminhos teóricos que permeiam a construção ficcional dos romances *Estrela polar* (1962) e *Alegria breve* (1965), do romancista português Vergílio Ferreira. O objetivo principal é observar o quanto a leitura empreendida por ele das correntes fenomenológico-existencialistas — notadamente de Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty — foram importantes para a concepção de ambos os romances. Dessa feita, discutimos, no início da dissertação, conceitos-chave da terminologia fenomenológica, como espaço, tempo, memória e o estatuto do corpo. Ainda assim, outras discussões foram importantes para o caminho crítico por nós empreendido, como a questão da representação e a crítica feita por Vergílio Ferreira ao movimento neorrealista português, bem como o estabelecimento de um mundo fundado na *ucronia*, o que deixa em evidência o caráter caótico e absurdo do mundo. Partindo de tais conceitos, procuramos responder os questionamentos que cercam a construção ficcional das obras em análise.

Palavras-chave: Vergílio Ferreira; Fenomenologia; Existencialismo; Literatura Portuguesa; Memória; Espaço; Tempo; Corpo.

ABSTRACT: This article aims to analyze the theoretical ways that involve the construction of fictional in the novels *Estrela polar* (1962) and *Alegria breve* (1965), from the Portuguese novelist Vergílio Ferreira. The main objective is to observe how the reading undertaken by him of the current phenomenological-existentialist — notably Jean-Paul Sartre and Maurice Merleau-Ponty — were important to the design of both novels. This time, we discussed the beginning of the paper the key concepts of the phenomenological terminology such as space, time, memory and the status of the body. Still, other discussions were important to the critical path undertaken by us, as the issue of representation and criticism made by Vergílio Ferreira Portuguese neo-realism movement, as well as the establishment of a world founded on Uchronia, which serves to show the chaotic character and the world nonsense. Based on these concepts, we respond on the questions that surround the construction of fictional works in question.

Keywords: Vergílio Ferreira, Phenomenology, Existentialism, Portuguese Literature, Memory, Space, Time, Body.

Ao elaborarmos nosso projeto *Estrela polar e Alegria breve: visões de um mundo caótico e absurdo*, tínhamos em mente analisar tão somente alguns aspectos da influência da fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty, algo que escapou ao olhar mais atento de outros investigadores da obra de Vergílio Ferreira. Trabalhos de pesquisadores brasileiros, como Aniceta de Mendonça e Maria Lúcia Dal Farra, escritos ao final dos anos 70 e início dos 80, ou têm um forte traço estruturalista ou se pautam por estudos do narratário; e estudos lusitanos dessa época (ou posteriores) acabam dando mais ênfase a aspectos como o espaço narrativo ou o simbolismo das imagens evocadas pelo romancista. A maior contribuição para a fortuna crítica vergiliana com certeza advém do professor português radicado no Recife, José Rodrigues de Paiva, que, em 1981, defende a dissertação de mestrado *Mudança: romance-limite*, na qual investiga a guinada de Vergílio Ferreira em seu projeto estético, por conta do rompimento com a linha neorrealista então vigente em Portugal.

¹ Mestre em Teoria da Literatura (PG Letras/UFPE), bolsista de produtividade CNPq, sob orientação do Prof. Dr. Alfredo Adolfo Cordiviola.

Paiva ampliaria sua investigação para toda a obra romanesca vergiliana, quando, em 2006, defende a tese de doutoramento *Vergílio Ferreira: Para sempre, romance-síntese e última fronteira de um território ficcional*, encontrando, em tal romance, a confluência de todos os elementos utilizados pelo autor ao longo de toda a sua carreira.

Entretanto, sempre foi ponto pacífico, entre todos os estudiosos da obra de Vergílio Ferreira, a sua ligação com a fenomenologia e o existencialismo, principalmente por ele também ser ensaísta, tradutor e comentarista da obra de Sartre (neste caso, destacamos o seu longo ensaio *Da fenomenologia a Sartre*, prefácio da sua tradução de *O Existencialismo é um humanismo*, do filósofo francês). Porém, analistas como Aniceta de Mendonça, que mais se aproximou do tema em si — o próprio título de seu livro *O romance de Vergílio Ferreira: existencialismo e ficção*, oriundo de uma dissertação, nos dá essa ideia — preferiu se debruçar sobre a ligação de elementos discursivos como marcas da presença do pensamento fenomenológico, sobretudo heideggariano, nos três romances da chamada *fase existencialista* — *Aparição*, *Estrela polar* e *Alegria breve* — e em *Nítido nulo*, que ela considera o quarto livro dessa fase, ao passo que preferimos seguir a ideia dos outros críticos da obra de Vergílio, que adotam o pensamento de que as influências mais fortes dessa corrente filosófica estão mais patentes nos três primeiros romances citados, embora elas se estendam, sutilmente, nas obras posteriores.

A questão levantada por nosso projeto reside em demonstrar como Vergílio Ferreira articula o seu propósito ensaístico com o ficcional, algo que ele chama, em seu seminário *Um escritor apresenta-se*, de “romance-problema”. Partindo de sua própria produção ensaística, notadamente do já citado prefácio ao livro de Sartre, além da série *Espaço do invisível* e *Invocação ao meu corpo*, fica clara a lucidez do romancista português em absorver e ter uma leitura crítica da corrente fenomenológica-existencialista, o que o livra de possíveis críticas que o apontem como um mero divulgador ou diluidor de tais ideias em Portugal. Ainda é José Rodrigues de Paiva, em capítulo de sua tese dedicada à análise da *fase existencialista* do escritor, que deixa aberta essa *redução fenomenológica*, por assim dizer, que pode ser efetuada para a compreensão dessas obras, embora ele não recorra diretamente a Merleau-Ponty.

Estabelecer o *corpus* de um projeto é um processo de escolhas e de certezas. Certezas que abrangem aquilo que ultrapassa o mero intuitivo — ponto inicial de tudo —, focando o nosso direcionamento que, entretanto, não pode simplesmente descartar a pluralidade de

significados que surgem ao longo do percurso. A honestidade intelectual nos leva a formulações e reformulações do que julgávamos fechado. Ter a consciência de que o que se pretende definitivo sempre leva à hipertrofia dos sentidos é que nos faz enxergar o que podemos erradamente tachar de equívocos.

A experiência demonstra que as investigações acerca da influência da fenomenologia e do existencialismo nas duas obras que nos prontificamos a estudar poderiam ser bem diferentes do viés dado, por exemplo, por Aniceta de Mendonça². Era-nos imprescindível tentar compreender o fascínio e, ao mesmo tempo, certo enfado que parecem tomar Vergílio quando escreve *Um escritor apresenta-se*³, bem como ponderar sobre o fato de que, talvez, a fenomenologia não tenha sido tão importante para sua obra. Duvidando da sinceridade do autor e notando-se a discrepância entre discurso e prática, percebemos que o caminho que vislumbrávamos trilhar não era de todo equivocada.

Assim sendo, sem abrir mão da interdisciplinaridade, que acompanha o nosso trabalho em vários momentos, decidimos fazer uma leitura fenomenológica das obras, atendo-nos aos entrelaçamentos dos pensamentos de Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty. No entanto, a ênfase dada a este último é necessária considerando-se o conceito da polarização consciência/mundo por ele apresentada, principalmente em sua *Fenomenologia da percepção* (2006), e o quanto o filósofo está afim à finalidade do nosso projeto. Afinidades podem ser recortadas, inclusive, em obras como *O visível e o invisível* (2007), também de sua autoria, em que o teórico pontua determinadas questões que dialogam com sua principal obra e nos mostra o quanto a ontologia do corpo se constitui como alicerce do conhecimento e da experiência. Tais obras, somadas às concepções pessoais de Vergílio, são a argamassa do seu conceito estético e nos ajudam a compreender como ele utiliza tais pressupostos para sua mimesis.

Decerto que o estudo da construção do espaço ficcional vergiliano — empreendido por António da Silva Gordo⁴ em obra que nos traz a concepção de *arquiperсонаgem* e as relações dos narradores com o espaço que eles descrevem — e o estudo do narrador

² Em *O romance de Vergílio Ferreira — Existencialismo e Ficção* (1978), Aniceta de Mendonça faz um engenhoso e competente estudo sobre os três romances da fase existencialista de Vergílio, acrescentando, à análise, o romance *Nítido nulo*, publicado em 1971. (Ela, ao contrário de outros estudiosos como José Rodrigues de Paiva, considera essa fase com os quatro romances). Contudo, o fato de ela utilizar uma metodologia estruturalista, e de não levar em consideração, por exemplo, as leituras, por Vergílio Ferreira, da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, já apresenta um afastamento do caminho que tomamos.

³ Presente em *Espaço do Invisível*, volume 1.

⁴ *A escrita e o espaço no romance de Vergílio Ferreira*, 1995.

vergiliano por Maria Lúcia Dal Farra⁵ são importantes. Contudo, devemos ter em mente o caráter de ambos, que se debruçam, principalmente, sobre aspectos discursivos das obras vergilianas, e que acabam por não citar Merleau-Ponty.

Como também não cita Merleau-Ponty, José Rodrigues de Paiva na obra fundamental para os estudiosos da obra vergiliana, (*Vergílio Ferreira: Para sempre, romance síntese e última fronteira de um território ficcional*, 2007), nada obstante tratar-se de uma análise robusta de ambos os romances ao longo de sessenta páginas⁶, sob uma óptica fenomenológica, deixando-nos aberto ao caminho teórico que escolhemos e que esmiuçaremos mais adiante, demonstrando que a fenomenologia utilizada por Vergílio Ferreira não seria de outra pessoa que não dele mesmo.

A busca pelas essências dos dois romances norteia o nosso projeto e descortinou-se, às nossas percepções, o quanto Vergílio foi interlocutor dos pensadores da fenomenologia, bem como interlocutor dele próprio. A nossa intenção se pauta de certa forma pela intencionalidade que ele lançou utilizando suas obras e do quanto ele joga também com as percepções dos leitores — desavisados e atentos. Nosso projeto se propõe a ver em quantas instâncias os postulados fenomenológicos aparecem de forma mais significativa em *Estrela polar* e *Alegria breve*, e, fazendo jus ao título deste trabalho, compreender o porquê do mundo ficcional por ele criado — a despeito das exigências de uma época que exigia uma “objetividade” das coisas, que se preocupava excessivamente com o corpo social e que se esquecia do mais profundo no ser humano: sua própria humanidade.

Dividimos este trabalho em duas partes: na primeira, explanamos alguns conceitos-chave da fenomenologia (que são utilizados também pelos existencialistas), e também a maneira pela qual Vergílio Ferreira lê, de forma crítica, tais pressupostos filosóficos; na segunda parte, dedicamo-nos às análises dos romances, obedecendo, como veremos adiante, a alguns critérios que julgamos serem os mais válidos, tendo como base algumas constantes semelhantes entre ambos.

Assim, no primeiro capítulo, apoiamo-nos nas explicações didáticas dos principais conceitos fenomenológicos dadas por Robert Sokolowski em *Introdução à Fenomenologia* (2004). Tais conceitos também são desdobrados por nós, a partir das obras *Fenomenologia da*

⁵ *O narrador ensimesmado – (O foco narrativo em Vergílio Ferreira)*, 1978.

⁶ Cf. o Capítulo II, “Aparição/Aparições”: do Eu, do Tu, do Nós... do Mundo, em que ele analisa a trilogia existencialista (*Aparição/Estrela polar/Alegria breve*), discordando da classificação proposta por Aniceta de Mendonça, que inclui, como vimos, *Nítido nulo*. Concordamos com José Rodrigues de Paiva nesta classificação.

percepção (2006) e *O visível e o invisível*, (2007) de Maurice Merleau-Ponty. Julgamo-los elementos de importância capital para a compreensão da nossa análise.

No capítulo seguinte, analisamos o longo ensaio *Da Fenomenologia a Sartre*, que foi escrito como prefácio para a tradução — empreendida pelo próprio Vergílio Ferreira — de *O Existencialismo é um Humanismo* (1962)⁷. Nele, encontramos a ampla leitura, crítica e profunda, do romancista português acerca dessas correntes de pensamento e é por meio desse ensaio que demonstramos que, longe de ser um mero divulgador das ideias fenomenológicas e/ou existencialistas em Portugal, o autor soube enxergar seus problemas e ter uma leitura própria de tais ideias, principalmente ao se ater às questões da percepção, do corpo e das estruturas de *ausência* e *presença*. Foi de fundamental importância para nós, nesta etapa do trabalho, analisar tal ensaio, uma vez que o texto em questão demonstra até a forma como ele articula os seus romances de forma diferente dos romancistas existencialistas franceses, notadamente Andre Malraux e Albert Camus — divergência que levantaremos no último item deste capítulo.

No terceiro capítulo, usando, sobretudo, o já citado ensaio *Um escritor apresenta-se*, presente em *Espaço do Invisível 4*, analisamos a crítica que Vergílio faz ao movimento neorrealista, toda a problemática da *arte engajada* e do *realismo socialista* e observamos o quanto o autor afastou-se de todas estas discussões, adotando uma postura mais subjetivista e metafísica.

No quarto capítulo, ligaremos as ideias vergilianas acerca do *romance-problema* — e o fato de que ele une o seu propósito ficcional ao seu pendor ensaístico — ao pensamento de Merleau-Ponty, presente em *O visível e o invisível*, de literatura como *filosofia do sensível*. Para tal, além deste livro do francês, nos valem de outro livro de ensaios de Vergílio Ferreira, intitulado *Invocação ao meu corpo* (1978). No processo de desdobramento de tal conceito, recorreremos também aos estudos de Marilena Chauí — em seu livro *Experiência do pensamento* (2002) — sobre Merleau-Ponty. Ainda sobre a questão da mescla de ensaio e ficção, pontuamos, aqui e ali, tanto com José Rodrigues de Paiva quanto com Aniceta de Mendonça, cujas obras já foram citadas.

Na sequência, analisaremos a questão do tempo, ainda utilizando *Invocação ao meu corpo*. Cumpre-nos ressaltar que a noção de tempo configura-se como *recorte*

⁷ O ano referenciado é o da segunda edição do livro.

fenomenológico que também atinge, inevitavelmente, o espaço. Para nos dar suporte em tal item, recorreremos à obra de Paul Ricoeur *Tempo e Narrativa* (1994)⁸, bem como, em alguns momentos, a Gaston Bachelard, signatário de *A intuição do instante* (2007), e a Frank Kermode, que disserta sobre teorias apocalípticas e do fim, em *A sensibilidade apocalíptica* (1997).

Para analisar as faces da memória, em sua eterna dicotomia do *lembrar-se* e do *esquecer-se*, utilizamos ainda *Invocação ao meu corpo* (1978) e *Introdução à fenomenologia* (2004), texto por meio do qual proporemos uma ligação aos conceitos de *visibilidades* e *invisibilidades*, que nos remetem novamente ao livro de Merleau-Ponty e que correspondem à presentificação de um passado ou à ausência dele por meio do esquecimento. Recorreremos também ao livro do linguista alemão Harald Weinrich, *Lete: arte e crítica do esquecimento* (2001), no qual o teórico elabora uma poética do esquecimento e nos deixa claro o quanto nos esforçamos para esquecer — quando, na verdade, não deixamos jamais de sermos afluentes do rio da memória.

No último capítulo desta parte teórica, debruçar-nos-emos sobre a problemática do *eu versus o outro*, elementos importantes para a construção do ambiente de ambiguidades e das reflexões sobre a solidão, sentimento comum aos dois romances. A importância da compreensão da autorreflexividade presente na ficção vergiliana é analisada por meio das contribuições teóricas, dadas por Merleau-Ponty, pelo próprio Vergílio (em *Invocação ao meu corpo*) ou por outros pensadores. Utilizaremos Martin Heidegger e o seu ensaio *Época das visões de mundo* (1938), que trata, dentre outras discussões, da liberdade conquistada pelo homem quando este se estabelece como ser autorreflexivo.

Para nos auxiliar na compreensão da problemática da autorreflexividade, também nos valem da obra *Mimesis, desafio ao pensamento* (2000), de Luiz Costa Lima, principalmente no que concerne à questão da representação. Sobre ela também encontraremos alguns conceitos capitais em *Ser e Tempo* (2008), de Martin Heidegger, e seus desdobramentos em *O Ser e o Nada* (1997), obra maior de Jean-Paul Sartre, em que encontramos desenvolvidos conceitos como *Inquietação* e *Abandono*, entre outros.

Fechamos o capítulo e a primeira parte da discussão analisando a presentificação do mundo pelo corpo, usando, sobretudo, o ensaio *Ode ao meu corpo* (1969), presente no já

⁸ Utilizamos, neste capítulo, o Tomo I.

citado *Invocação ao meu corpo* (1978). Além deles, continuamos com Sartre e Merleau-Ponty demonstrando o quanto o homem, como “ser de horizontes”, orienta o mundo e o quanto o corpo constrói, ao seu redor, o próprio espaço no qual se movimenta. E do quanto o experimenta, passando pela tríade espaço-tempo-memória, contando ainda com as experiências do erotismo e do sempre presente *ser-para-a-morte*.

Na segunda parte deste trabalho, finalmente iniciamos a análise dos dois romances; pautamos-nos, ao longo dela, em estabelecer pontes entre os pontos mais significativos que analisamos com a teoria. Assim, sucessivamente, até o fim, veremos as correspondências entre cada segmento da análise com cada segmento da parte teórica.

Dessa maneira, o primeiro capítulo da segunda parte é dedicado ao *espaço* fenomenológico criado por Vergílio em ambos os romances, como espelho da essencialidade da existência e teatro dos silêncios e isolamentos que encontramos materializados neles. Em *Estrela polar*, temos a cidade/a vila Penalva que dá, a Adalberto, a sensação de refúgio e de prisão, espaço dos seus questionamentos existenciais e das desventuras de sua vida. É a aldeia serrana de *Alegria breve*, na qual vive Jaime Faria, o lugar onde encontramos também: a) tanta *inquietação* e *abandono*, um espaço espiralado, labiríntico — como também o é Penalva —, em que a percepção de refúgio se perde no meio das neves quase que eternas; b) a perturbação trazida pela morte e pela ausência dos afetos, palco de discussões graves e profundas sobre a Arte e a Vida; c) espaços cronotópicos, onde subsistem devaneios e imensidões, repetições e, acima de tudo, solidões.

Solidões que andam de braços dados com o Amor e a Morte, e com o Prazer. O erotismo é o ponto central do capítulo seguinte, no qual nos imiscuímos e tomamos, como orientação fundamental, o pensamento de Georges Bataille de *O erotismo* (1987), que nos mostra o quanto de sofrimento e de êxtase desfila à frente das percepções, geralmente confundindo-as. Temos, pois, a confusão presente no triângulo amoroso de Adalberto com as irmãs gêmeas — Alda e Aida —, sua dor e seu prazer, sua vertigem diante da reduplicação e da subtração do amor pela morte, e do quanto ele tenta subjugar sua solidão no depósito equivocado das suas esperanças em mãos alheias.

É o desespero de Jaime Faria com seu relacionamento com Vanda, enquanto o seu marido assiste aos dois, ou mesmo de sua perdição por Ema, até o enterro de sua própria mulher, Águeda. E, ao redor disso tudo, presenciamos certo sadomasoquismo, a dor, a

profanação dos espaços sagrados, a vida em seu limite, o caminho do desencanto do Absoluto e do Inefável, a impossibilidade de se escapar da *solitude*.

No capítulo sobre a memória, veremos, em dois momentos distintos, como ela lastreia as narrativas. A memória de Adalberto (*Estrela polar*), um livro de memórias no qual as exatidões destas se perdem à medida que ele tenta recuperá-las e justificar-se, perante a si mesmo ou ao leitor. Já em *Alegria breve* temos a memória de Jaime Faria em meio a um tempo cíclico, cósmico, que o força a dar voltas, a reconstruir tudo a partir do momento eterno de uma espera infinda e de perdas paulatinas.

De certa forma, interligada ao conceito de memória, analisaremos a questão do tempo, ou antes, da *ucronia* em ambos os romances, usando sempre Frank Kermode e sua *Sensibilidade apocalíptica* (1997). A percepção de um fim que nunca vem permeia ambas as obras, tornando-as cíclicas em suas narrativas, encerrando, em cada uma delas, um princípio de começo e recomeços eternos.

A amplitude dos significados que Vergílio Ferreira constrói decerto nos forneceria material para mais de um trabalho, mas fez-se necessária tal delimitação por conta das necessidades acadêmicas. Precisamos nos guiar pelo exercício fenomenológico do “pôr entre parênteses” ou “pôr entre colchetes” o recorte necessário para a análise dos fenômenos, tornar visíveis aspectos que escapam a uma primeira leitura e, finalmente, perceber elementos que falam à nossa compreensão para que despertemos para a consciência de nossa responsabilidade — antes de tudo, acerca de nós, de nossa essência, de nossa liberdade.

O próprio Vergílio Ferreira, em *Um escritor apresenta-se*, nos diz o quanto se interessou pela redenção do homem:

Confrontado, porém, o homem com o seu próprio destino, Não deixei de me interrogar sobre como redimi-lo, não deixei de me questionar sobre o que lhe determina a situação no mundo de hoje — nem que fosse para descobrir que o signo de tal situação é o signo da tragédia. (FERREIRA, 1987, p. 25-26)

Estrela polar e *Alegria breve* representam bem esse seu interesse pela redenção humana, não por fórmulas fáceis ou simplismos devotados às ideologias da hora. Fê-lo interpelando o humano, tentando fazê-lo enxergar que, da sua condição humana, é impossível escapar e entender que o seu destino é, tragicamente, ser humano.

A solidão veste-se com a imagem do frio, com a umidade de um catre em que pensamento — imagem e palavra — corre junto com os rios da *Lembrança* e do

Esquecimento. O frio de ventos e neves, de escuridões que escondem estrelas, recorta o sol da paisagem, como se ele próprio estivesse na cova, emparelhado com tantas outras tumbas, sobre as quais se debruçam, cobertos de lodo, destroços de igrejas: ideias de um ser divino agora diluído como névoa afastada por mãos cansadas de cavar. O som de músicas decora o silêncio; ao longe, junta-se a vozes de cantoras cegas, abraça-se às fumaças de cigarros embriagados por noites de bebidas e pecado. O pecado. Que pecado assombra a liberdade humana e o seu Destino, o velho *Fado* que corteja o drama e a tragédia? O tempo nos diz, ao longo de trilhas de areias de ampuhetas partidas, que tudo nos é lícito, mas nem tudo nos convém. E, ainda assim, somos livres.

Liberdade e redenção. Parecem duas idéias paradoxais ligados a conceitos tão distantes de si, como o caos e o absurdo. O caos é necessário porque toda ordem que nos é apresentada como ideal tem de ser constantemente espicaçada em seus alicerces de preceitos falsos e hipócritas. A ordem, essa ideia abstrata que se concretiza em condutas, convenções e restrições, só aceita o caminho do linear, do aparentemente puro, do não transgressor. Qual o lugar da liberdade nela? Como encontrar redenção em um mundo no qual a normalidade vivifica uma porção de lugares-comuns que robotizam o humano, o faz mergulhar muitas vezes na ideia de uma fé cega que salva, mas que não o livra de sua pequenez e só reproduz os ditames da ordem?

Vergílio Ferreira, leitor dos grandes mestres do desespero, como Kafka e Dostoievski, sabia que a representação de mundos assim, imersos no caos e no absurdo — obviamente que sem a velha intenção de salvar o mundo como um herói patético que é traído por aqueles que se propôs salvar — era necessária. Parecia tomar para si a tarefa do patriarca Abraão quando foi chamado por Javé a sacrificar o seu filho Isaac. Mas o terror e o tremor das obras vergilianas, se tomarmos o título do célebre livro de Kierkegaard sobre o dilema de Abraão, não põem, na pedra sacrificial, o filho, a criatura, tampouco um cordeiro. Põe o próprio Criador, talvez para simbolizar que, com ele, morre um pouco do Eu que a autorreflexividade exige, de um ser desesperado, como assevera o mesmo Kierkegaard em *O Desespero Humano*. A insatisfação deste ser exige um pouco de sua anulação.

Mas, como falar de redenção quando um ser tenta se autoanular? Talvez quando um Adalberto crie outro Adalberto, que habita as suas memórias e inicia um trabalho de (auto) justificação. Quando Jaime Faria passe o resto dos seus dias esperando um filho que, no fundo, é um pedaço de si próprio. E finalmente quando, talvez, a espera eterna represente que

o sacrifício necessário é aquele que se pereniza, a cada dia, a cada homem velho que é jogado na vala com uma pá de cal virgem.

Como nos diz Carlos Eduardo Japiassú de Queiroz (2007, p. 27), a corrente fenomenológico-existencialista efetuou “o abandono da concepção de uma essencialidade primando absoluta sobre a conduta do homem.” Logo, aquilo tudo que os grandes sistemas lógicos colocavam ainda de forma otimista — um otimismo ilusório — cede lugar ao incomensurável da experiência humana, caótica e absurda por natureza.

A experiência humana, pessoal e intransferível, construtora de algumas poucas certezas e de uma multidão de questionamentos, sob tal óptica deve abrir ao homem a consciência do “saber existir”, atingir o *Limite*. Mas, como assevera o próprio Queiroz (2007, p. 29), isso não atinge igualmente a todos. E é isso que encontramos nos romances e que veremos ao longo deste trabalho (tal colocação, a esta altura do artigo, parece-me incoerente). A interpelação mútua de personagens que transitam entre o viver e o existir é uma crítica direta àqueles que creem numa homogeneização do humano. Ainda que topemos com gêmeos, eles serão diferentes e, ante aos espelhos, ainda guardaremos um estranhamento àquela imagem que percebemos ser a nossa. De forma semelhante, ao encararmos alguém, como Jaime Faria, e requisitarmos para nós a reciprocidade de um amor, nos depararemos com o descompasso de quem, muitas vezes, só busca prazer.

Eis, portanto, as fugas, as confusões.

Por tais razões, temos uma natureza representada nos dois romances que se amarra a um tempo que se ressignifica, a um mundo sem fuga, de apartamentos e florestas, castelos e ruas estreitas de serras que impedem o escorrer das horas e aprisionam recordações. A percepção, estatuto da experiência, tem de estar a postos em seus variados desdobramentos para absorver o mundo, compreendê-lo. Voltando à história de Abraão e Isaac, é como se tudo estivesse ali, pronto. O caminho para a pedra, o pensamento de Abraão e sua obediência cega, a ignorância do filho frente ao desafio proposto pela Divindade, a pedra que o aguardava, a adaga. O diferencial é que a vida exige muito mais do que simples obediência, muito mais do que uma ingênua ignorância acerca do que nos cerca. Ela exige o sacrifício, sim, mas de tudo aquilo que nos apequena. O desespero dos personagens vergilianos não é o dos pequenos, é o dos que se reconhecem maiores, de que tal descoberta exige muito mais. O terror e o tremor que os cercam são os mesmos que os impulsionam para a tentativa da extinção de suas solidões.

Mas o frio permanece. *Estrela polar* e *Alegria breve* são exemplos da ontologia sob a visão de Vergílio Ferreira. E todos nós estamos no catre ou ao pé de algum túmulo, nos justificando ou esperando.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Introdução ao existencialismo**. Trad.: Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2006.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad.: Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Experiência do pensamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DAL FARRA, Maria Lúcia. **O narrador ensimesmado**: (o foco narrativo em Vergílio Ferreira). São Paulo: Ática, 1978.

DÉCIO, João. **Vergílio Ferreira**: a ficção e o ensaio. Blumenau: Edifurb, 2001.

FERREIRA, Vergílio. **Alegria breve**. 7. ed. Chiado: Bertrand, 2004.

_____. **Conta-corrente 1**. 2.ed. Amadora: Bertrand, 1981.

_____. **Conta-corrente 2**. 2. ed. Amadora: Bertrand, 1981.

_____. **Conta-corrente 3**. Amadora: Bertrand, 1983.

_____. **Conta-corrente 4**. Amadora: Bertrand, 1986.

_____. **Conta-corrente 5**. Amadora: Bertrand, 1987.

_____. **Da fenomenologia a Sartre** (1963). In: SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um humanismo*. 3. ed. Lisboa: Presença, s.d.

_____. **Estrela polar**. 4. ed. Venda Nova: Bertrand, 1992.

_____. **Espaço do invisível 1**. Lisboa: Portugália, 1965.

_____. **Espaço do invisível 2**. 2.ed. Venda Nova: Bertrand, 1991.

_____. **Espaço do invisível 3**. 2.ed. Venda Nova: Bertrand, 1965.

_____. **Espaço do invisível 4**. Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1987.

_____. **Na tua face**. Lisboa: Bertrand, 1993.

_____. **Nítido nulo**. 2.ed. Lisboa: Portugália. 1969.

GORDO, António da Silva. **A escrita e o espaço no romance de Vergílio Ferreira**. Porto: Porto Editora, 1995

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad.: Márcia Sá Cavalcante Schuback. 3.ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

_____. **A época de visões de mundo**. [1938] Trad. de Cláudia Drucker disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/heidegger.htm> , último acesso em 07/jan/10.

HEGEL, George Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Trad.: Paulo Meneses. 5.ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

INGARDEN, Roman. **A obra de arte literária**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

KERMODE, Frank. **A sensibilidade apocalíptica**. Trad.: Melo Furtado. Lisboa: Edições Século XXI, 1997.

MENDONÇA, Aniceta de. **O romance de Vergílio Ferreira: existencialismo e ficção**. Assis; São Paulo: ILHPA; HUCITEC, 1978.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad.: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **O visível e o invisível**. Trad.: José Artur Gianotti e Armando Mora D'Oliveira 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PAIVA, José Rodrigues de. **O espaço-limite no romance de Vergílio Ferreira**. Recife: Edições Encontro/Gabinete Português de Leitura, 1984.

_____. **Para Sempre**, romance-síntese e última fronteira de um território ficcional; apresentação da série Anísio Brasileiro. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007.

PALMA-FERREIRA, João. **Vergílio Ferreira**. Lisboa: Arcádia, 1972.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**. Trad.: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. **Tempo e Narrativa** — Tomo I. Trad.: Constanza Marcondes Cesar. Campinas: Papirus Editora, 1994.

_____. **Tempo e Narrativa** — Tomo II. Trad.: Mariana Appenzeller. Campinas: Papirus Editora, 1995.

_____. **Tempo e Narrativa** — Tomo III. Trad.: Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus Editora, 1997.

_____. **A história, a memória, o esquecimento**. Trad.: Alain François et al. Campinas, Editora da Unicamp, 2007.

SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo é um humanismo**. 3. ed. Trad. de Vergílio Ferreira. Lisboa: Presença, s.d.

_____. **O que é a literatura?**. Trad.: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **O Ser e o Nada**. Trad.: Paulo Perdigão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. **O Imaginário**. Trad.: Duda Machado. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **A idade da razão**. Trad.: Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. **Sursis**. Trad.: Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. **Com a morte na alma**. 3.ed. Trad.: J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. Trad.: Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004.